

ANACRONISMOS E HIBRIDISMOS  
DA ARTE CONTEMPORÂNEA  
BRASILEIRA PELAS LENTES DAS  
CORES DA NOSSA BANDEIRA

---

ANACHRONISMS AND HYBRIDISMS  
OF CONTEMPORARY BRAZILIAN  
ART THROUGH THE LENS OF THE  
COLORS OF OUR FLAG

---

LIVRO **Today Is Always Yesterday: Contemporary Brazilian Art**  
AUTOR **Michael Asbury**

---

RESENHISTA **Mario Caillaux**

---

ISSN 1518-5494  
ISSN-E 2447-2484

No final do ano passado, foi lançado o novo estudo do crítico e historiador Michael Asbury, *Today Is Always Yesterday: Contemporary Brazilian Art*. Asbury, que é um dos fundadores do centro de pesquisa TrAIN (*Transnational Art, Identity and Nation*), sediado na *University of The Arts*, em Londres, vem, há mais de vinte anos, contribuindo de maneira significativa com os estudos e com a divulgação da arte brasileira, tanto internacionalmente quanto localmente. Neste seu novo livro, que saiu pela editora inglesa *Reaktion Books*, o autor percorre, de maneira fluida e criativa, a nossa História da Arte, alinhada com a própria História do Brasil. Uma das forças da publicação está justamente em mostrar o papel que a arte desempenha em uma formação e na construção histórica e cultural de uma nação. Ou como próprio autor sublinha:

A arte traça a história de uma nação, alimenta a memória coletiva através da representação dos principais protagonistas e eventos. Imagens do passado reaparecem, ressurgem no presente, conscientemente ou não, através da literatura, da cultura popular, do cinema e da arte (contemporânea). Estes fortalecem o vínculo, o sentimento de pertencimento a uma nação. (Asbury, 2023, p. 16 – tradução nossa)

A escolha do título, emprestada de uma obra de Wesley Duke Lee, é bastante oportuna. Ela transmite uma das principais questões levantadas no livro: a ideia do anacronismo. Em sua narrativa, o autor realiza avanços e recuos de maneira perspicaz, relacionando acontecimentos e obras separadas por temporalidades e linguagens distintas. A adoção desta metodologia se dá devido à própria complexidade do objeto da publicação: a arte contemporânea brasileira. Para o crítico, a arte contemporânea não deve ser vista através de uma localização temporal bem delimitada. Desta maneira, ela estaria relacionada ao debate de uma tradição norte-americana/europeia, tornando problemática a inserção de propostas de países periféricos, como, por exemplo, o Brasil, com suas idiossincrasias e hibridismos. É por isso que, para Asbury, a ideia de contemporaneidade abrange também “[...] referências plurais e subjetivas a diferentes temporalidades. Uma obra de arte contemporânea pode, portanto, invocar diferentes tempos históricos como expressão da sua abordagem crítica à sua própria contemporaneidade” (Asbury, 2023, p.10 – tradução nossa). Assim, torna-se mais pacífica a relação entre este conceito e a ideia de nação.

Asbury se apropria dos signos que compõem a bandeira do Brasil como um dispositivo para estruturar a sua narrativa. Partindo da construção romântica, que aprendemos no colégio, sobre o significado das cores da nossa bandeira – o verde representando nossas matas, o amarelo nossas riquezas minerais e o azul nosso céu –, o autor, de maneira irônica, nomeia cada um dos capítulos, jogando com essa ideia. No primeiro, “*Order, Progress (and Love)*”, que faz uma referência ao lema positivista que estampa a nossa bandeira, o tom crítico fica bastante evidente pelas obras tratadas. Ele analisa uma série de trabalhos que se apropriam desse símbolo nacional e/ou fazem interferências nele. Já em “*Green: Contemporary Art and the Founding of the Nation*” é debatido como a arte articula a presença dos povos indígenas, desde representações históricas, passando pelas críticas a essa visão que os artistas realizaram ao longo dos tempos, até chegar na atuação e na construção poética de artistas indígenas na arte contemporânea.

O terceiro capítulo, “*Yellow: Contemporary Brazilian Art and Extractivism*”, trata não apenas da devastação que o extrativismo causa no ambiente, mas também como a

arte, em vários momentos, denuncia e articula esses problemas. Ele também evoca um ponto delicado e importante, poucas vezes abordado: o financiamento de setores extrativistas no desenvolvimento cultural. Já no capítulo “*Blue: When Was Contemporary Art*”, Asbury trata do emergir da arte contemporânea brasileira desde as experiências dos anos de 1950 e 1960, trazendo a ideia da universalidade até, em suas palavras, a “consolidação da marca da arte contemporânea nacional nos anos de 1990” (2023, p.209 – tradução nossa). No quinto e último capítulo, denominado “*White: A Separation that Relates*”, o crítico questiona a ideia do “país do futuro”, articulando aspectos muitas vezes ignorados e silenciados em nossa sociedade. Ele busca mostrar de que maneira a arte contemporânea problematiza e lida com questões sobre gênero, sexualidade e raça.

Com o lançamento de “*Today Is Always Yesterday: Contemporary Brazilian Art*”, lacunas importantes em nossa historiografia estão sendo preenchidas. Se por um lado o fato de a publicação ter sido lançada no exterior incentiva e divulga a nossa arte e história junto a um público global, por outro lado, esperamos ansiosos por uma versão e distribuição em português. O livro tem muito a acrescentar ao debate e ao sistema artístico brasileiro como um todo.

## REFERÊNCIAS

ASBURY, Michael. *Today is Always Yesterday: Contemporary Brazilian Art*. London, Reaktion Books, 2023.